

epidemiologia política

Danichi Hausen Mizoguchi
Eduardo Passos

Danichi Hausen Mizoguchi é professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFF.

Eduardo Passos é professor titular do Instituto de Psicologia da UFF.

É importante sermos leves, porque em todo esse horror há também alegria.

Susan Sontag, *Assim vivemos agora*

Há quase quatro meses, mesmo sabendo que não havia muito a ser celebrado, milhões de brasileiros festejaram a chegada de um novo ano. A sequência da qual vínhamos, com o golpe na primeira presidenta da história da República, a execução de Marielle Franco, o incêndio do Museu Nacional, a prisão política de Lula, a ascensão vertiginosa do bolsonarismo, os efeitos estonteantes da junção entre a milícia e o neoliberalismo na gestão da máquina pública brasileira, os cortes de verbas para a saúde e para educação, a destruição de qualquer política de preservação ambiental, a liberação do porte de armas, o fim da demarcação das terras indígenas, o retorno ao modelo hospitalocêntrico de atendimento à loucura, a reforma da Previdência e todos os acontecimentos cotidianos e invisibilizados de nossa necropolítica tropical evidentemente não nos davam motivos para os beijos, os abraços e os votos de feliz ano novo que dirigimos aos amigos, amores e familiares mais por inércia, costume ou tradição do que por convicção.

Transcorridos dezessete dias deste ano estranhamente celebrado, a China computava 62 casos e duas mortes em função da contaminação por um novo vírus semelhante ao que causou a epidemia de uma síndrome respiratória aguda na Ásia em 2003. Nesse momento já nos chegavam informações e imagens vindas de Wuhan, uma cidade de aproximadamente 11 milhões de habitantes, cuja relação comparativa de grandeza com nossas duas maiores metrópoles - quase o dobro de habitantes do Rio de Janeiro e um pouco menos do que São Paulo - não podia deixar de espantar: integralmente em quarentena, túneis bloqueados

por montes de terra, hospitais de milhares de leitos construídos em poucos dias, ruas completamente vazias, pessoas desfalecendo a céu aberto ou em filas à espera de atendimento.

Como diz Michel Foucault, ao comentar no prefácio de *As palavras e as coisas* a série risível e perturbadora de uma certa enciclopédia chinesa fabulada por Jorge Luis Borges, as cenas de Wuhan nos colocavam frente à "impossibilidade patente de pensar isso".¹ Apesar de tantas imagens, a dificuldade de imaginar ia além da localização cenográfica em uma pátria mítica que ocupa boa parte de uma "região precisa, cujo simples nome constitui para o Ocidente uma grande reserva de utopias"² como é o Oriente ou a China. Mais do que a dificuldade de imaginar uma sopa de morcego ou de pangolim - ou a dificuldade de imaginar simplesmente um pangolim - de onde se supôs que o vírus chegou aos seres humanos, a dificuldade era de se pensar e de se imaginar a assustadora proximidade entre aquilo que víamos tão longe e aquilo que sabíamos que em breve inevitavelmente seríamos - ou que talvez já fôssemos havia algum tempo.

Epidemia é uma palavra que se origina dos termos gregos ἐπί - ou *epi*, que significa sobre ou acima de - e δῆμος - ou *demos*, que significa povo. Assim, a radicalidade do termo indica haver epidemia sempre que algo se coloca sobre ou acima do povo - ocorrência que não é exclusivamente biológica. Gilles Deleuze e Felix Guattari foram hábeis em nos mostrar a absoluta sintonia política entre as *hard sciences* - como a biologia e a química - e as humanidades - como a filosofia, a política e a psicanálise. Termos como rizoma, *quantum*, *phyllum*, molar e

1 Michel Foucault. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. IX.

2 *Ibid.*, p. XIV.

molecular são apenas alguns dos exemplos mais célebres da operatividade desta relação transversal em sua obra. Fazendo um uso metodológico desta pista legada pelo autor duplo de *O anti-Édipo*, não soaria estranho lembrar que o lema que animou a campanha eleitoral de Jair Bolsonaro era literalmente a convocação a um golpe epidêmico: Brasil acima de tudo, Deus acima de todos. A colocação da dimensão nacionalista, patriótica e divina numa posição de superioridade hierárquica superlativa em relação ao que quer que fosse - de tudo e de todos, afinal - indicava que se intentava fazer uma espécie corrosiva de vírus se disseminar sobre nós: uma epidemia política que não pode ter outro nome senão fascismo.

Como bem indicado por Paul Virilio e lembrado por Gilles Deleuze e Félix Guattari³ e por Vladimir Safatle,⁴ muito mais do que a efetivação de um estado totalitário, o fascismo é a emergência de um estado suicidário. Sob a epidemia fascista, o que está em jogo é um vírus cuja disseminação se dá a partir da máquina de Estado transformada em uma espécie estranha de máquina de guerra que tem como função final a realização completa do niilismo: a máquina de Estado operando exclusivamente através da composição de forças postas a serviço da destruição e da abolição do que quer que seja. É aqui que o sentido infectológico e o sentido político da epidemia se fazem absolutamente sintônicos: o contágio biológico da doença e da morte espalhando-se em um governo não menos mortífero - um governo que, mais do que isso, ecoando todos os lemas fascistas, é apaixonado pela morte.

3 Gilles Deleuze e Félix Guattari. "Micropolítica e segmentaridade". Em: *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996, p. 112.

4 "Bem vindo ao estado suicidário". Disponível em: <https://n-ledicoes.org/004>. Acesso em: 31 mar. 2020.

A epidemia fascista nunca pode ter nem outro objetivo nem outra saída que não a do suicídio do próprio Estado, o que se prova espetacularmente quando os pronunciamentos públicos e as medidas governamentais se transmutam em aboios de quem empurra o próprio gado para o abate. Quando se bradava exclusivamente a morte das minorias e das existências dissidentes - negrxs, mulheres, índixs, gays, trans, a esquerda - o que se dissimulava era que, ao fim e ao cabo, o que a máquina fascista instalava no centro do poder político nacional era o alastramento irrestrito e não qualificado da morte. Em outros termos, o que se instalava no centro diretivo governamental era a paixão desenfreada por toda e qualquer morte. E, assim como no fascismo histórico, "as pessoas gritavam bravo, não porque não compreendiam, mas porque queriam essa morte que passava pela morte dos outros".⁵

Quando, por puro contraste, Luiz Henrique Mandetta aparece como um quadro técnico e Rodrigo Maia, Wilson Witzel e João Dória surgem como arautos do bom senso, é porque as ideações suicidas da máquina de Estado já vão muito adiantadas. É aqui que entram os dizeres e atos daqueles que ocupam o centro da máquina de Estado fascista suicidária e o topo da cadeia econômica brasileira: gripezinha, resfriadozinho, histórico de atleta, doença de velho, histeria, corte de salário dos servidores públicos e demissão nas empresas privadas são frases e gestos que não encontram um só suprassumo - mas dentre os tantos possíveis certamente está o do presidente do Banco do Brasil, que disse recentemente que a vida "não tem valor infinito" e precisa ser balanceada com "a atividade econômica": #OBrasilNãoPodeParar. A subnotificação dos casos de contaminação - assim como a crise da educação na famosa frase de Darcy Ribeiro - parece ser um projeto. A recomendação de lavar bem as mãos parece estar sendo seguida perversamente à risca, e tudo leva

⁵ Gilles Deleuze e Félix Guattari. Op. cit. , p. 113.

a crer que estamos defronte a uma máquina de guerra que aceita enfaticamente até mesmo "abolir seus próprios cor-religionários antes do que deter a própria destruição"⁶ - gesto perante o qual todos os outros perigos se tornam irrelevantes.

Assim, a conclusão óbvia do cruzamento entre os domínios biológicos e políticos é que, neste momento, sobrepomos, no Brasil, a disseminação de duas epidemias absolutamente destrutivas. Tudo se torna mais forte quando se compreende que a disseminação - biológica ou política - é, dentre tantas outras coisas, a produção e a disseminação de um modo de subjetivação. Neste modo de subjetivação efetivado a partir de uma força vertical e hierárquica que se impõe ao povo de cima para baixo, como não cansou de lembrar Baruch de Espinosa, nos vemos mergulhados em afetos tristes - como, por exemplo, o medo - que nos fazem diminuídos, literalmente, em nossa potência de existir: eis o trunfo e a realização de toda epidemia.

Diante do inesperado da crise, cabe-nos inventar uma experiência. Lidamos com uma situação de exceção irrestrita que nos obriga ao confinamento forçado nas tele-repúblicas de nossas próprias casas.⁷ Mas quem nos força? Ou, qual é a força que nos leva à quarentena irrestrita? Eis a questão que no momento se apresenta no máximo da confusão frente ao vai-e-vem das decisões, na confusão da gestão da crise. O caos parece ser para o governo uma estratégia de legitimação de suas pretensões autoritárias. A reação ao perigo da pandemia é uma frescura, diz o presidente, apelando para o sentido heteronormativo do governo autoritário. Façam quarentena; não façam

6 Gilles Deleuze e Félix Guattari. Op. cit. , p. 115.

7 Paul B. Preciado. "Aprendendo do vírus": Disponível em: <<https://n-ledicoes.org/007>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

quarentena. A população deve conviver com a oscilação vertiginosa dos comandos, sofrendo a confusão mental ou a dissonância cognitiva que interessa para uma gestão no caos: desgoverno do governo. Hoje fazer quarentena torna-se um ato de desobediência civil, quando já nos forçam a retomar o comércio, fazer o capital girar, salvar-lhe o circuito. Invertemos a diretriz da resistência, retomando às avessasa sublevação popular que em 1904 recusou a reforma urbana de Pereira Passos no Rio de Janeiro e o higienismo de Oswaldo Cruz. Fizemos, no início do século XX, a Revolta da Vacina lutando contra a imunização compulsória. Hoje a epidemiologia política se reacende com vetor revoltoso renovado. Fazemos quarentena numa nova inflexão, diferente daquela que no diagrama do capitalismo operou como estratégia de dominação.

Não é que não soubéssemos o que é a quarentena. Ao contrário, por muito tempo ela foi exatamente a norma espacial quase escamoteada. Naquele que talvez seja o mais célebre dos capítulos de *Vigiar e punir*, Foucault apresenta as medidas que se faziam necessárias, de acordo com um regulamento francês do ano de 1636, quando se declarava a peste numa cidade: policiamento espacial estrito, fechamento da cidade, proibição de sair sob pena de morte, fim de todos os animais errantes, divisão da cidade em quarteirões onde se estabelece o poder de um intendente e em que cada rua estará sob a autoridade de um síndico. Nesse momento, cada qual se prende a seu lugar e, caso se movimente, coloca a própria vida em risco, seja por contágio ou por punição. A "inspeção funciona constantemente" e o "olhar está alerta em toda parte".⁸

Foucault entende que a quarentena constitui um modelo compacto e prototípico dos dispositivos disciplinares que fazem penetrar o regulamento e a norma nos mais finos detalhes da existência a partir do funcionamento

⁸ Michel Foucault. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 162.

capilar do poder moderno. Vivemos hoje, portanto, sob o caráter paroxístico de uma ordenação social da qual fazem parte instituições como o hospício, a penitenciária, a fábrica, o hospital, a caserna, a escola e todas as demais que também funcionam em um modo de divisão binária - louco-não louco, perigoso-inofensivo, normal-anormal - e de repartição diferencial - quem é, onde deve estar, como caracterizá-lo, como reconhecê-lo, como docilizá-lo.

Nestes espaços fechados, recortados e vigiados, os menores movimentos são controlados, todos os acontecimentos são registrados e cada indivíduo é ininterruptamente localizado e examinado. A quarentena, portanto, não nos é exatamente estranha. Ao contrário, trata-se de um modo de assujeitamento que em alguma medida todos já conhecemos, porque desde que nascemos não cessamos de "passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis"⁹ - mesmo que já há mais de uma geração vivamos em uma espécie de crise generalizada de todos os meios de confinamento e deles lentamente nos afastemos em direção a todo um conjunto de tecnologias biomoleculares digitais de transmissão e de informação algorítmica e de acúmulo e gestão de *big data*.

Afinado à análise foucaultiana, Giorgio Agamben¹⁰ entende que com a crise que ora atravessamos "manifesta-se mais uma vez a crescente tendência de usar o estado de exceção como paradigma normal de governo". Para o filósofo italiano, esgotado o terrorismo como justificativa para medidas deste feitio, a invenção de uma epidemia poderia oferecer o pretexto perfeito para ampliá-las, e, assim, "em um perverso círculo vicioso, a limitação da liberdade imposta pelos governos" seria "aceita em nome de um desejo de segurança que foi induzido pelos próprios governos que agora intervêm para satisfazê-lo".

9 Gilles Deleuze. "Post-scriptum às sociedades de controle". Em: *Conversações, 1972-1990*. São Paulo: Ed. 34, 1993, p. 219.

10 Giorgio Agamben. "O estado de exceção provocado por uma emergência imotivada". Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596584-o-estado-de-excecao-provocado-por-uma-emergencia-imotivada>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

No nosso caso, curiosamente, o uso político da crise da pandemia é no sentido do agravamento da insegurança. O paradigma de governo no Brasil de agora se apoia na anormalidade, na desestabilização das normas não só de decoro, mas, sobretudo, de equilíbrio entre os poderes de Estado, de relação entre oficial e oficioso, entre governo e desgoverno. Intensifica-se o choque entre as diretrizes de governo com o objetivo de desviar de maneira radical o curso das políticas públicas que vigoram no Brasil desde a Constituição de 1988. Como tirar o Brasil de um movimento tendencial que tomou a saúde como direito de todos e dever do Estado, tomou a universidade e a ciência como autônomas e de função pública, tomou o Estado como laico? Como nos empurrar numa outra direção? A gestão no caos parece ser a estratégia política de quem pretende reiniciar nossa história.

Se de fato a quarentena é algo ao qual já estamos acostumados como paradigma e protótipo do diagrama de poder cujo ponto máximo é o estado de exceção - de todo e qualquer estado de exceção, na *plantation*, nos campos de concentração nazistas, na Palestina ou nos centros de refugiados -, esta quarentena não se faz em nome do incremento da produção de corpos dóceis e úteis ao capitalismo, mas, ao contrário, parece ao menos temporariamente estancá-la.

Evidentemente, não é possível colocar 2,8 bilhões de pessoas - o que equivale a um terço da população mundial - sob algum tipo de restrição de movimento sem que com isso não se opere simultaneamente uma suspensão das relações ordinárias e cotidianas de trabalho. Não à toa, boa parte do sistema fabril está parado e a queda vertiginosa das bolsas de valores mundo afora só é comparável a momentos históricos grandiloquentes como o *crash* de

1929. É isto que impele a que Slavoj Žižek sob uma perspectiva quase oposta à de Agamben, vaticine que com o espalhamento triste e mortífero do coronavírus talvez "um outro vírus muito mais benéfico também se espalhe e, se tivermos sorte, irá nos infectar: o vírus do pensar em uma sociedade alternativa, uma sociedade para além dos Estados-nação, uma sociedade que se atualiza nas formas de solidariedade e cooperação global".¹¹

Como costuma fazer em boa parte de suas análises, Žižek usa o cinema pop de *Hollywood* como matéria empírica e ilustrativa da hipótese que defende e apresenta. É *Kill Bill*, de Quentin Tarantino, que lhe serve de exemplo agora. Mais especificamente a cena final do volume 2, quando Beatrix, na célebre interpretação de Uma Thurman, executa Bill com o golpe mais fatal das artes marciais: a técnica dos Cinco Pontos para Explodir o Coração – uma combinação sequencial de golpes com as pontas dos dedos em cinco pontos de pressão diferentes no corpo do oponente, cujo coração explode tão logo completa cinco passos. A posição defendida por Žižek é que "a epidemia do coronavírus é uma espécie de Técnica dos Cinco Pontos para Explodir o Coração de ataque ao sistema capitalista internacional – um sinal de que não podemos seguir pelo mesmo caminho que viemos até agora, de que precisamos uma mudança radical".¹²

Desde a queda do Muro de Berlim os teóricos do capitalismo – Francis Fukuyama e seu *O fim da história e o último homem* em primeiro lugar – tentam insinuar que a história acabou. Desde então, com o fim da opção comunista, não haveria outra coisa a fazer na superfície planetária senão capitular aos modos de operação e desejo capitalísticos. Para Žižek, assim como ele mesmo havia anunciado na crise econômica de 2008, finalmente chegou

11 Slavoj Žižek. "Žižek vê o poder subversivo do coronavírus". Disponível em: <<https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/zizek-ve-o-poder-subversivo-do-coronavirus/>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

12 Ibid.

a hora de um ponto de virada crucial e definitivo que desviará o capitalismo do suposto ponto final da história dos vencedores - ponto este que, como previra Fredric Jameson observar o potencial utópico dos filmes sobre catástrofes cósmicas que dão origem à solidariedade global, infelizmente advirá de uma epidemia global.

No começo da década de 1980, a primeira fase da epidemia da aids afetou prioritariamente o que se nomeou de os quatro h: homossexuais, *hookers* - trabalhadoras ou trabalhadores sexuais-, hemofílicos e heroinômanos. Em uma canção composta no começo da década seguinte, Caetano Veloso menciona a importância e a organização do movimento gay de São Francisco, que criou coletivamente modos eficazes de enfrentamento à irradiação da aids. Diz ele: "Viados organizados de São Francisco conseguem controlar a propagação do mal / Só um genocida potencial - de batina, de gravata ou de avental - pode fingir que não vê que os viados - tendo sido o grupo-vítima preferencial - estão na situação de liderar o movimento para deter a disseminação do HIV".¹³ Na cena contracultural californiana, a marca violenta e preconceituosa advinda de um crivo de orientação sexual teve como correlato ativo o protagonismo militante deste mesmo grupo no enfrentamento à epidemia - cujo sucesso não se restringiu tão somente à contenção profilática da doença, tendo atingido também a estilística sexual e as artes da existência de um modo geral.

Para Preciado, uma comunidade talvez possa se definir pela epidemia que a ameaça e pelo modo de organizar-se frente a ela. É aqui, "no contexto desta mutação, da transformação dos modos de entender a comunidade

¹³ Caetano Veloso, "Americanos". Em: *Circuladô Vivo*, faixa 2, 1992.

(uma comunidade que hoje é a totalidade do planeta) e a imunidade, onde o vírus opera e se converte em estratégia política".¹⁴ Comunidade e imunidade compartilham a mesma raiz latina: *múnus*, no direito romano, era o tributo que alguém devia pagar por fazer parte da comunidade - um grupo humano ligado por uma lei ou por uma obrigação comum. *Inmunitas* - a negação do *múnus* - era um privilégio que exonerava alguém dos deveres societários comuns a todos: aquele que havia sido exonerado era imune. É assim, diz Preciado, que as democracias liberais e patriarco-coloniais europeias do século XIX constroem "o ideal do indivíduo moderno não somente como agente (masculino, branco, heterossexual) econômico livre, mas também como um corpo imune, radicalmente separado, que não deve nada à comunidade"¹⁵.

Como escreveu Judith Butler, o "vírus não discrimina. Poderíamos dizer que ele nos trata com igualdade, nos colocando igualmente diante do risco de adoecer, perder alguém próximo e de viver em um mundo marcado por uma ameaça iminente. Por conta da forma pela qual ele se move e ataca, o vírus demonstra que a comunidade humana é igualmente precária".¹⁶ Com essa transmutação pandêmica, faz-se de qualquer um - ou de um qualquer - partícipe do grupo-vítima preferencial e, portanto, o agente militante evidentemente apto a liderar tanto a disseminação quanto a dissipação do contágio - o que pode ser tão assustador quando fundamental, uma péssima notícia ou uma grande oportunidade. Na pandemia do coronavírus, chegamos à fase do "contágio comunitário". O perigo não vem mais do estrangeiro, mas se dissemina entre nós como um fator comum de viralização. A comunalidade, nesse caso, ameaça ao

14 Paul B. Preciado. "Aprendendo do vírus": Disponível em: <<https://n-ledicoes.org/007>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

15 Ibid.

16 Judith Butler. "O capitalismo tem seus limites". Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/20/judith-butler-sobre-o-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/>. Acesso em: 30 de mar. de 2020.

mesmo tempo em que pode intervir na urdidura social, tornando seu tecido mais consistente, firme, coeso. O que parece ocorrer é um plano paradoxal: se é verdade que os privilégios das marcações identitárias históricas evidentemente permanecem, simultaneamente, em certo sentido, a comunidade, neste instante, não tem nenhum membro imune ao vírus - e com isso talvez uma reconfiguração política possa e deva emergir. Anuncia-se a possibilidade de reversão do sinal do contágio de negativo para positivo: da epidemiologia necropolítica a uma nova erótica do contágio.

Pandemia é um termo que também vem do grego, na junção entre os radicais παν - ou *pan*, que significa tudo ou todos - e δῆμος - mais uma vez, *demos*, que significa o povo. Temos uma pandemia, portanto, sempre que algo atravesse tudo ou todo o povo - em uma amplitude de sentidos que, novamente, não é necessária ou exclusivamente biológica. E se entendermos que o contágio pandêmico que experimentamos é também subjetivo, e que a subjetividade sempre está e estará em disputa, aparece a condição de qualquer um - ou de um qualquer - como agente efetivo da operação de reversão vetorial através da confecção e da disseminação coletiva e singular de outros contágios.

É difícil acreditar, como diz Žižek, que o capitalismo está a cinco passos de um falecimento anunciado e inevitável. Sabemos que o tipo de humanidade zumbi que somos convocados a integrar cotidianamente prega há tempos "o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir de nossos sonhos"¹⁷ e não dá mostras de que cessará. Se não podemos esquecer que nos empurram para a morte, e isso não pode ser nem

17 Ailton Krenak. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 27.

dissimulado nem negado, precisamos também lembrar que todo acontecimento deste porte é uma abertura na história - como foram, por exemplo, as jornadas de 2013, nosso último abalo sísmico. É justamente por isso que não podemos esquecer que o mundo sempre estará cheio de "pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover".¹⁸ Saindo da doença temida, Preciado sentiu medo de morrer só. A performance frequentemente ácida do autor do *Manifesto contrassexual* faz uma inflexão amorosa. Talvez seja sob esta mesma inflexão que temos de reiterar a pergunta insistente que Preciado se fez imediatamente ao se ver curado do coronavírus após pouco mais de uma semana de convalescença - só alguns instantes antes de escrever uma carta de amor: em quais condições e de que maneira valeria a pena continuar a viver?¹⁹

Sob a acepção das políticas da subjetividade, talvez seja preciso fazer aparecer, diante da pandemia ame-drontadora e mortífera que ameaça a tudo e a todos, uma espécie de reversão imanente de contágio que force outras experiências a atravessarem o plano comum das existências no exercício da desobediência civil, do contágio a favor da vida, da luta contra o autoritarismo. Em outros termos, o que este estado de suspensão das relações ordinárias e cotidianas pode fazer operar são modos de associação imprevisíveis, inéditas e vitais, "reconvertendo essa corrente de morte em corrente de vida, em outras tantas correntes de desejo, introduzindo aí outros vírus, novos vírus".²⁰ Outra pandemia, certamente, convocada a partir de "estratégias subjetivas e coletivas de implicação vital"²¹ que podem funcionar como operadoras de crítica e desvio aos nossos modos de existência.

18 Ibid., p. 26.

19 Paulo B. Preciado. "A conjuração dos losers". Disponível em: <<https://www.quatrocincoum.com.br/br/artigos/f/a-conjuracao-dos-losers>. Acesso em: 31 mar. 2020.

20 Peter Pál Pelbart. "Vírus-vida". Em: *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003, p. 246.

21 Ibid., p. 246.

Da Itália, ecoam as vozes renitentes que cantam *Bella Ciao* nas janelas- a música das trabalhadoras temporárias dos arrozais do final do século XIX que se tornou símbolo da resistência ao fascismo de Mussolini e relampeja por lá sempre que há um momento de perigo. Por aqui, há mais de dez noites as panelas batem em uma direção oposta a que bateram em 2015 - porque agora os metais dobram clamando urgente e clamorosamente por democracia enquanto nas caixas de som ressoa uma antiga canção de protesto contra a ditadura. Por essas e por outras - tantas, milhares, tão pequenas quanto importantes - não há dúvida de que, por mais que o Estado suicidário não cesse de querer nos puxar com ele para o fundo do abismo, amanhã vai ser outro dia.

Então, ocupando as ruas novamente e olhando as epidemias de frente, muito em breve talvez possamos fazer como o haitiano que, com a coragem de um qualquer, anunciou que algo havia acabado. E, quando isso acontecer, só um genocida potencial poderá não perceber que uma endemia terá chegado para ficar. Um mundo no qual poderemos novamente abraçar e beijar os amigos, amores e familiares aos quais dedicamos a vida menos por inércia, costume ou tradição do que por convicção - e pelos quais e com os quais jamais deixaremos de lutar, qualquer que seja a batalha, porque certamente outras advirão.